

José Saramago e Ignácio de Loyola Brandão: das utopias à distopia — notas sobre poder e violência

Wagner Rodrigues Araújo (Wagner Merije)

Universidade de Coimbra (Portugal)

Resumo: Observar como a vida humana e as relações sociais são retratadas nos romances *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago, e *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela* (2018), de Ignácio de Loyola Brandão, é o projeto desta comunicação. O presente estudo busca dar um contributo na análise da distopia na literatura. Embora não possua um fundamento normativo, a distopia detém um horizonte ético-político que lhe permite produzir debates sobre a sociedade, denunciar a violência e o autoritarismo.

Palavras-chave: José Saramago; Ignácio de Loyola Brandão; distopia; utopia; Literatura Comparada.

José Saramago and Ignácio de Loyola Brandão: from utopias to dystopia — notes on power and violence

Abstract: Observe how human life and social relations are portrayed in the novels *Ensaio sobre a cegueira* (1995), by José Saramago, and *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela* (2018), by Ignácio de Loyola Brandão, is the project of this communication. The present study seeks to contribute to the analysis of the dystopia in the literature. Although it does not have a normative basis, dystopia has an ethical-political horizon that allows it to produce debates about society, to denounce violence and authoritarianism.

Keywords: José Saramago; Ignácio de Loyola Brandão; dystopia; utopia; Comparative Literature.

Apesar de o ser humano ter adquirido consciência da importância da equidade social, a mesma é delicada, tanto a nível pessoal como da vida em comunidade. Quanto à sua integridade, estarem sido constantemente lesada, enquanto a sua capacidade de intervenção é cada vez mais cerceada. O que se nota é que, enquanto as utopias se vão esvanecendo, a distopia vai ganhando espaço.

A partir do conhecimento das trajetórias, dos discursos e práticas de José Saramago e de Ignácio de Loyola Brandão, podemos postular que esses autores trabalharam em suas obras questões atinentes a essa virada da utopia para a distopia. Seus romances são testemunhos de tempos de crise e de mudança, além de produzirem metáforas e alegorias sobre situações e problemas que precisam de ser conhecidos e estudados, caso contrário a descrença da humanidade em si própria poderá levá-la à destruição.

À análise dos romances *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago, e *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela* (2018), de Ignácio de Loyola Brandão, cabe aplicar o seguinte princípio teórico:

A distopia literária se caracteriza justamente por desenvolver um projeto literário cuja base de representação aciona mecanismos de poder material e simbólico que alocam os sujeitos humanos em relações de extrema negatividade, interpretados «ao rés do chão», diferenciando-se das narrativas utópicas naquilo que estas têm de apresentação de um mundo/sociedade melhor: a distopia literária confere às suas personagens um lugar num mundo «piorado» em relação à realidade aparente, sem saídas ou utopias positivas, sem possibilidades de sonhos para o dia seguinte, sem respostas para as angústias inaugurais daqueles que passam a experienciar o limiar de uma sociedade tecnocrata, injusta com a cultura e com a natureza, priorizando princípios isolados de sobrevivência em detrimento do apoio coletivo à manutenção dos membros sociais, estratégias essas desenvolvidas ou postas em prática por governos totalitários e ditatoriais (Erickson & Erickson 2006: 17).

Embora a distopia na literatura não possua um fundamento normativo, percebemos que ela detém um horizonte ético-político que permite produzir debates sobre a sociedade e o poder, denunciar a violência, a opressão e o autoritarismo. No posfácio à obra *1984*, de George Orwell, que assinou na edição de 1961, Erich Fromm colocava em questão que as distopias «expressam o sentimento de impotência e desesperança do homem moderno assim como as utopias antigas expressavam o sentimento de autoconfiança e esperança do homem pós-medieval» (Fromm 2009: 269).

Lembremos, pois, das pessoas tomadas por uma súbita enfermidade ocular no romance de José Saramago. A epidemia de cegueira — a «treva branca» —,

parecia ser a metáfora que melhor se ajustava ao momento em que o livro foi escrito, mas também se adequa bem ao que vivemos hoje. Quando aquele grupo de cegos precisa de ser recolhido a uma quarentena em um manicômio (a escolha do local não é mero detalhe), vemos o resto de humanidade, que possuíam, escapar. Ao perceber que não poderiam mais ser vigiadas pela visão do outro, algumas personagens liberam toda a violência contida pelos códigos sociais. A tortura, a extorsão, o estupro e o assassinato são banalizados. O consumo voraz e o desejo de ascender e dominar o outro são os empurrões para que todos ali mergulhem no caos. Como escreveu o próprio José Saramago, «aqui já ninguém se pode salvar, a cegueira também é isto, viver num mundo onde se tenha acabado a esperança» (Saramago 2014: 225).

A maneira como as personagens do gênero feminino são tratadas causa repulsa e só reafirma que a submissão das mulheres vem de longe. Nas práticas cotidianas se percebe uma monocultura mental que atribuiu à mulher o estatuto de segundo sexo, passivo e à disposição dos homens. Esta realidade, conforme Valle (2019), reforça os abismos criados entre vida e economia; entre o trabalho e os modos de vida e entre as mulheres e os homens. Por trás disso tudo está entranhado o patriarcado, que alimenta os colonialismos e possibilitou a ascensão do capitalismo moderno.

Nota-se que sujeitos como os que compõem o gangue dos cegos têm caracteres predominantemente androcêntricos (que têm como medida de todas as coisas o homem branco ocidental), além de antropocêntricos (que sustentam o homem como o centro do mundo), e com isso procedem a uma destituição ontológica: desigualam os seres que se pensam como mulheres dos seres que se pensam como homens, desvalorizando as experiências das mulheres e mesmo marginalizando-as (Valle 2019).

Ao refletirmos sobre a demonstração de desespero e extrema coragem por parte da mulher do médico, a única não cega e que usa a tesoura para cortar a garganta do chefe dos cegos opressores em *Ensaio sobre a cegueira*, pode-se concluir que onde estão nossos medos é onde mora nossa maior força e poder pessoal. Ela toma aquela atitude drástica para salvar as mulheres dos abusos cometidos por um bando de bárbaros, mas também o faz pelos homens, privados da alimentação roubada e ameaçados nas suas integridades físicas.

Ora, pois, a responsabilidade pela vida tem de ser coletivamente compartilhada, mas coube àquela mulher ultrapassar seus limites e se tornar numa assassina na tentativa de encontrar um equilíbrio naquele circo de horrores.

Ao dar a uma personagem feminina o poder de amenizar o sofrimento naquela desgraça, Saramago demonstra esperança nas transformações das relações sociais. Mas não só. O que ele faz é tentar mostrar aos leitores que a ganância pelo poder e a violência empreendida por elementos do gênero masculino desde tempos imemoriais são tão grotescas que precisam, de fato, de ser combatidas.

Numa terra brutalizada e maltratada

Historicamente emparedado por um violento jogo de poder, que gera todo tipo de violência, o Brasil se mostra um território sinistro no romance *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela*, de Ignácio de Loyola Brandão. Na obra, abertamente distópica, como em outros títulos do autor brasileiro, o enredo se desenrola em uma terra brutalizada e maltratada, onde a vida entra em decomposição acelerada. Coexistem os interesses de milhares de partidos políticos e ninguém governa verdadeiramente; todos são vigiados desde o nascimento; a peste se tornou na epidemia que dissolve os corpos; a autoeutanásia foi legalizada para idosos; o sistema de proteção e bem-estar estatal foi eliminado; as escolas foram abolidas.

A personagem de nome Felipe, um publicitário frustrado e rancoroso, funciona como um guia e com ele, que está em meio de uma fuga errante após tentar matar a namorada, os leitores vão vislumbrando todo tipo de atrocidade pelas estradas. Assassinatos brutais se proliferam pelas páginas. O cenário é desolador.

As chaves para compreender a que ponto chegamos estão por páginas diversas, como nestas passagens: «[...] há alguns anos pesquisadores tinham descoberto que o gás anestesiante vinha agindo em proporções controladas, de maneira a imobilizar corações e mentes. Daí a ausência de manifestações populares há muitas décadas» (Brandão 2018: 354). O resultado é «um país dividido entre os Nós e os Eles. Dividido pelo ódio» (Brandão 2018: 369).

Quando aciona a palavra ódio, o autor brasileiro sabe do que está falando. O livro lançado no ano da controversa eleição de Jair Bolsonaro para a presidência do Brasil, após um golpe parlamentar que destituiu a presidenta Dilma Rousseff, foi em parte escrito e finalizado durante as violentas ondas neoliberais e reacionárias que tomaram o mundo e fizeram de países como o Brasil laboratório da ultradireita.

O que notamos é que a xenofobia, a rejeição à diversidade e a paranoia terrorista se transformaram em tendência mundial e estão por trás dos discursos de ódio que tomaram os planos privado e público em várias regiões do planeta. A questão nacional precisa de ser levada a sério, não pode ser deixada nas mãos dos extremistas, mas também é necessário fortalecer a coesão coletiva para evitar a escalada da violência advinda da polarização extremada da política.

Há ainda outras questões em jogo, como a rejeição da mestiçagem (da qual subjaz, para muitos, a defesa da «raça branca»); a oposição entre quem está nas camadas inferiores e quem está nas superiores; a política da força como método de «negociação»; a hostilidade contra a igualdade de gênero, entre outros ingredientes do fascismo clássico. Isso sem contar o crescente poder dos neopentecostais.

Sami Naïr em sua obra *La europa mestiza*, adverte:

Está se abrindo, sem dúvida, uma nova era de desafios importantes e sérios que as democracias terão de enfrentar, provavelmente durante umas décadas. É inegável que a globalização liberal posta em marcha no final do século passado entrou em uma fase crítica, devido à sua patente e consciente desregulação caótica, responsável por suas contradições atuais. A busca de um novo equilíbrio econômico-social planetário é, portanto, imprescindível. Enfrentar o desafio deste novo período exige imperativamente que as democracias encontrem modelos econômicos e sociais que apostem, de forma efetiva, na eliminação da grande brecha atual da desigualdade, na solidariedade, que são expectativas da imensa maioria da população arraigada na civilização do respeito mútuo e da dignidade. Ao mesmo tempo, no entanto, chama a atenção o aparecimento — como consequência dos efeitos desagregadores da globalização — de camadas sociais reacionárias étnica, cultural e politicamente, que se identificam com um discurso de ódio de experiência remota. Trata-se de uma tendência mundial, cujas características comuns são tão importantes quanto suas diferenças (Naïr 2018).

A situação é sensível! Em outro trecho de *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela*, Ignácio de Loyola Brandão, ou a voz do narrador, em sua substituição, pergunta: «Quem são vocês? Um povo imaginário? Uma raça perdida? Humanos fossilizados?» (Brandão 2018: 370).

Trata-se de um duro questionamento, o qual não se resolve sem uma ampla reflexão sobre os caminhos da humanidade. O problema é bem mais profundo, é parte de um cenário em que «a Montanha das Palavras Exauridas [...] desabou e tudo que ela armazenava se esparramou. Falsidades, mentiras, desculpas, fraudes [...]» (Brandão 2018: 361). A consequência é o acirramento dos conflitos e da violência.

Liberação da brutalidade e desencantos

O neofascismo que aflige muita gente atualmente é supremacista, individual e coletivamente. É o projeto de uma sociedade hierárquica de senhores e servos, uma visão de mundo que aceita a necessidade imperiosa de submissão ao poder hegemônico. Essa submissão fica escondida atrás do sentimento de força e de vingança em relação às «elites», que a mobilização coletiva confere ao neofascismo militante. E isso funciona porque essa ideologia, sem prejuízo de suas particularidades em cada país, gera, na identidade de seus seguidores, uma poderosa liberação de instintos agressivos e explode os tabus que limitam as expressões

primitivas, violentas, nas relações sociais. A análise do fascismo realizada por George L. Mosse se refere a uma liberação da brutalidade em um contexto minado pelo «abrandamento» característico da sociedade democrática.

Tanto na obra de José Saramago quanto na de Ignácio de Loyola Brandão temos essa liberação da brutalidade como pano de fundo das histórias contadas.

Mesmo distantes 23 anos um do outro em relação às datas em que foram lançados, podemos dizer que os romances *Ensaio sobre a cegueira* e *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela* se tocam, sucintamente, no desencanto com os rumos da humanidade e na descrença de que a tecnologia poderá salvar o planeta do apocalipse que se anuncia. Nesse sentido, as palavras de Ignácio de Loyola Brandão são enigmáticas: «Os trens passam, vem o silêncio. Permanece o fedor, longo. Tristeza e desalento» (Brandão 2018: 27).

Cabe lembrar Antônio Cândido, quando afirma que a obra literária deve ser estudada pelo crítico como objeto estético, não como documento ou reflexo da realidade. Em *Literatura e sociedade* ele formula o problema principal para a análise, sobretudo da ficção: averiguar como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto de ela poder ser estudada em si mesma. E como só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce, a questão que fica é:

Quando fazemos uma análise deste tipo, podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo (Cândido 2014: 16-17).

Este é um desafio que nos move nessa aproximação crítica das obras de Saramago e Brandão.

A espécie humana é um desastre

Possuir um nível de vida material comum era o que Platão propunha para uma comunidade ideal. Eis aqui um ponto fundamental desta crítica, pois, como constatou o filósofo grego, a riqueza material ilimitada ou os desejos e prazeres imoderados nada tinham que ver com um bom nível de vida.

Ao pensar nisso, vem à mente novamente o bando de cegos de Saramago: mesmo sem saída naquele labirinto em que foram metidos, aqueles homens revelaram toda a sua pobreza espiritual ao deixaram-se guiar pela ganância e pela violência.

Por outro lado, o comportamento da mulher do médico em *Ensaio sobre a cegueira* é o de uma pessoa preocupada em criar condições necessárias para que os indivíduos e o(s) grupo(s) possam viver harmoniosamente em conjunto.

Ora, por aquela mulher agarramo-nos na esperança de que nem tudo está perdido, seu exemplo de altruísmo é dignificante, vai na direção contrária do pensamento do próprio Saramago, que no início do filme *José e Pilar* (2011), profere que «todos los tiempos tienen cosas buenas, todos los tiempos las tuvieron malísimas, pero como comunidad la especie humana es un desastre. Es un desastre!»

Nem otimista nem pessimista demais, se nos mirarmos no exemplo daquela mulher, poderemos pensar que nem tudo está perdido. A arte e, em particular, a literatura, podem contribuir para a defesa da liberdade, da igualdade, dos direitos humanos e do meio ambiente. Mas isto não basta.

Os romances em análise estão aí para demonstrar que a distopia é tão pós-humana e aterrorizante como o mundo (atual) que a vê florescer. Entretanto, essas mesmas obras oferecem diferentes respostas aos desafios que temos pela frente. Aos leitores e às leitoras é exigida a participação no debate acerca da ética, da igualdade e da justiça social.

Finalizo com uma frase tema desta IV Jornada, que nos ajuda a entender o valor e o significado do trabalho de escritores como José Saramago e Ignácio de Loyola Brandão: «Os grandes problemas do nosso tempo são também as grandes questões da (grande) literatura e da (grande) arte contemporâneas que, de diferentes modos, se propõem (re)desenhar novos ou renovados paradigmas para o ser humano, dentro da (des)ordem da natureza e do ambiente».

Referências bibliográficas

- Arnaut, Ana Paula; Binet, Ana Maria. (coords.) (2018). «Do post-modernismo ao hipercontemporâneo: os caminhos das literaturas em língua portuguesa». *Revista de Estudos Literários*. N.º 8.
- Arnaut, Ana Paula. «Nas margens do tempo e do espaço: onde pa(i)ram as utopias?» Silva, Maria de Fátima (coord.) (2009). *Utopias & Distopias*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Baltrusch, Burghard. (ed.) (2014). *O que transforma o mundo é a necessidade e não a utopia. Estudos sobre utopia e ficção em José Saramago*. Berlin: Editora Frank & Timme. [04 dezembro 2018]. <https://books.google.pt/books?id=AyMpAwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-PT>.
- Brandão, Ignácio de Loyola (2018). *Desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela*. São Paulo: Global Editora.
- Candido, Antonio (2014). *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul.

- Erickson, Glen; Erickson, Sandra (2006). «As imagens da utopia: tropos, metáforas, fantasias». Alfredo Cordiviola, Derivaldo dos Santos e Ildney Cavalcanti (orgs.). *Fábulas da iminência: Ensaio sobre literatura e utopia*. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras/UFPE. 15-32.
- Fromm, Erich ([1961] 2009). «Posfácio». 1984. São Paulo: Companhia das Letras.
- Mendes, Miguel Gonçalves (2010). *José e Pilar*. JumpCut; El Deseo; O2.
- Mumford, Lewis ([1922] 2007). *História das utopias*. Tradução de Isabel Donas Botto. Lisboa: Antígona.
- Nair, Sami (10 de novembro de 2010). «O que está por trás do discurso de ódio». *El País*. https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/07/internacional/1544180778_836431.html?fbclid=IwAR2GxHrD_ajcxz3uLLh5gHEs-HsErVDIWURHu7zv7YDGh-N9xamHxxTiIdM
- Platão (2003). *A república*. Tradução de Cristina Giro. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Saramago, José (2014). *Ensaio sobre a cegueira*. Porto: Porto Editora. 21ª ed.
- Valle, Luísa de Pinho (2019). «Reflexões sobre práticas de artesanía ecofeminista e pedagogia ambiental. Por uma política da natureza humana e não-humana». *Saberes y prácticas. Revista de Filosofía y Educación*. Mendoza-Argentina: Centro de investigaciones interdisciplinarias de filosofía en la escuela (CIIFE) — FFyL — UNCuyo, v. 4, pp. 1-19.